

**A EDUCAÇÃO REMOTA E SEUS IMPACTOS NOS EXCLUÍDOS DAS
MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA PERIFERIA: UM ESTUDO COM ALUNOS
DA ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL DE TEMPO INTEGRAL SANCHÁ
FERREIRA NO PERÍODO DE (PÓS)PANDEMIA EM ARAGUAÍNA,
TOCANTINS**

**THE EFFECTS OF REMOTE LEARNING ON PEOPLE WHO ARE
MARGINALIZED BY MEDIA AND TECHNOLOGY IN URBAN AREAS: A
COMPLETE FULL-TIME STUDY SANCHÁ FERREIRA ARAGUAÍNA,
TOCANTINS: SANCHÁ FERREIRA GOVERNMENT SCHOOL STUDENTS IN THE
(POST)PANDEMIC PERIOD**

Eliseu Pereira de Brito¹
Daniela Silva Nascimento²

RESUMO

Com a pandemia do Coronavírus nos anos de 2020 e 2021, ocorreu uma fase de excepcionalidade na educação, que foi reorganizada por meio de atividades remotas. Compreende-se que as tecnologias da informação e comunicação estavam presentes no dia a dia dos estudantes, de maneira desigual e insatisfatória, especialmente no que tange ao acesso às ferramentas tecnológicas. Este texto é fruto de uma investigação realizada no contexto mais severo de isolamento social e tem como objetivo analisar a forma como os alunos de escolas públicas situadas em áreas periféricas reagiram ao novo modelo de ensino, à insuficiência tecnológica e a refletir sobre as consequências para o aprendizado deles. Um dos resultados mais significativos da pesquisa foi constatar que as escolas públicas e localizadas em áreas periféricas não estavam adequadamente preparadas para situações como a pandemia de COVID-19, demonstrando dificuldades na adoção de métodos de ensino que não conseguem manter, seja pela ausência de materiais de apoio, tanto para docentes quanto para discentes, seja pela insuficiência de capacitação dos profissionais de ensino e de recursos tecnológicos. Um dos desafios do período pós-pandemia consiste em encontrar formas de reparar o déficit gerado na educação, tanto em relação ao nível insuficiente de aprendizagem quanto no que diz respeito às evasões escolares.

Palavras-chave: Aulas remotas, TIC, Geografia, COVID-19.

ABSTRACT:

A period of exceptionalism in education occurred during the 2020–2021 coronavirus epidemic, and it was restructured through remote activities. It is acknowledged that students' everyday lives were impacted by information and communication technology, but in an unfair and inadequate way, particularly with regard to their access to technological resources. The purpose of this text, which is the outcome of an investigation carried out in the most extreme setting of social isolation, is to examine how students from public schools in outlying areas responded to the new teaching model and the lack of technology, as well as to consider the implications for their education. One of the research's most important conclusions was that public schools in outlying areas were ill-prepared for events such as the COVID-19 pandemic. They showed trouble implementing teaching strategies that they were unable to sustain, either because they lacked resources for technology and teacher and student support or because they lacked training for teaching professionals. Finding solutions to address the educational deficit caused by the

¹ eliseubrito@uft.edu.br

² danielanascimento346@gmail.com

pandemic, both in terms of low learning levels and school dropout rates, is one of the difficulties facing the post-pandemic era.

Keywords: Remote learning, ICT, Geography, COVID-19.

INTRODUÇÃO

Em 2020, uma pandemia se espalhou pelo mundo: a do Coronavírus (Covid-19). Esse foi um período excepcional na educação, durante o qual as atividades foram adaptadas para o formato remoto. Foi no contexto desse processo que surgiu a necessidade de uma pesquisa para avaliar quais seriam os efeitos dessa metodologia de ensino nos estudantes de áreas periféricas. Assim, o estudo intitulado “A educação remota e seus impactos nos excluídos das mídias e tecnologias nas periferias” foi realizado. Os autores consideraram relevante o estudo realizado na Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Sancha Ferreira durante o período (pós) pandemia.

Essa situação foi ainda mais agravada porque o modelo de ensino remoto não abordou todos os aspectos essenciais para a formação dos alunos na educação básica. A pandemia trouxe à tona algumas questões relacionadas à educação, como ensino a distância (EAD), educação remota e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além disso, levantou-se a questão de como a comunidade escolar está envolvida nas metodologias de ensino dessas tecnologias.

É evidente que a escola precisou se adaptar, uma vez que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) já fazem parte do cotidiano dos estudantes, o que trouxe à tona as diferentes temporalidades entre professores e alunos. De acordo com Belloni (2009), para que a escola integre as TIC de forma crítica, criativa e competente, é necessário um investimento considerável, além de mudanças profundas e radicais em: capacitação dos docentes, pesquisa focada nas metodologias de ensino, aquisição e garantia de acesso a equipamentos e materiais didáticos e pedagógicos. Nesse sentido, torna-se uma opção impraticável para as escolas públicas quando muitas delas não dispõem de laboratórios de informática, recursos pedagógicos, bibliotecas ou até mesmo merenda escolar.

Durante a pandemia, as aulas foram realizadas de forma remota, geralmente por meio de transmissões online. Essa modalidade de aula foi empregada de maneira planejada ou apenas improvisada para atender à demanda imediata decorrente do isolamento social imposto pelos decretos municipais? O primeiro parágrafo do Decreto n.º 9057/2017 da legislação brasileira, que trata do ensino a distância, estabelece que:

Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade

educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Assim, podemos concluir que a educação a distância e o ensino remoto são formas diferentes de ensino. Uma das diferenças é que a educação a distância possui uma estrutura e metodologia específicas para esse formato, além de geralmente oferecer aulas gravadas. O ensino remoto é uma solução rápida, pois oferece aulas em tempo real, com professores e alunos conectados simultaneamente.

O primeiro caso confirmado do novo coronavírus no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020. A partir desse momento, uma série de medidas foi implementada para tentar conter a propagação do vírus, incluindo o fechamento das escolas e a adaptação para o ensino remoto. Como essa nova realidade surgiu, como os alunos das escolas públicas em áreas periféricas estavam se comportando diante dos desafios apresentados? E como a educação à distância afetou esses estudantes que não têm acesso às mídias tecnológicas? Tendo como questão central entender como a escola se adaptou à nova realidade das aulas remotas, considerando que seus alunos tinham acesso limitado a recursos tecnológicos?

Para responder a essas perguntas, foi realizado um estudo na Escola Estadual de Tempo Integral Sancha Ferreira. Estabelecida pela LEI 464/79 de 13 de agosto de 1979, esta escola tem como objetivo atender a comunidade local e áreas adjacentes. Está situada na Rua Barbacena, 148 - Setor Tecnorte, Araguaína - Tocantins, e a maioria de seus alunos reside nos setores Lago Azul I, III e IV. O estudo foi conduzido em 2020 com estudantes e docentes da instituição que, naquele período, estavam envolvidos em aulas à distância, empregando o método de roteiros. A pesquisa foi concluída em 2022, quando as aulas voltaram ao formato presencial.

A educação básica já é bastante deficiente e não cobre todos os aspectos necessários para a formação dos estudantes. Com base nesse pressuposto, o objetivo deste estudo foi discutir como os alunos de uma escola pública em uma área periférica estão reagindo ao novo método de ensino ao qual não estavam acostumados, bem como como esses estudantes que não têm acesso às mídias e tecnologias se comportaram durante esse período, questionando os efeitos disso em sua aprendizagem.

A importância deste estudo vai além de abordar como foi esse período para os alunos e sua relação com o ensino de geografia; refere-se também à forma como os estudantes excluídos das mídias e tecnologia lidaram com esse modelo de ensino. Isso ajudou os professores da escola a desenvolver ou complementar suas metodologias de ensino, garantindo que todos os

alunos recebam uma educação uniforme e que a instituição consiga criar estratégias eficazes para todos os estudantes, independentemente de terem acesso às TIC.

Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo foi avaliar o efeito do ensino remoto na educação de jovens da periferia de Araguaína, com foco especial no acesso às mídias e tecnologias durante o período (pós) pandemia. Além disso, foi discutida a precariedade desse ensino, com ênfase na disciplina de geografia.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi classificada como exploratória, de acordo com Gil (2002, p. 41). As pesquisas exploratórias visam proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses. Isso inclui levantamento bibliográfico e entrevistas.

Juntamente com a classificação, foi utilizado o método qualitativo, que se baseia na busca pelo significado e fundamenta-se na compreensão do objeto de estudo a partir de seu contexto. Dessa forma, a obtenção de resultados não ocorreu por meio de métodos matemáticos, mas sim por meio das informações coletadas ao longo da pesquisa.

Uma avaliação das aulas e tarefas executadas durante o período de ensino à distância foi realizada. Em seguida, analisou-se como a escola está lidando com as eventualidades desse período, ao mesmo tempo em que se destacaram os desafios que os alunos estão enfrentando. Em seguida, foram coletadas informações dos alunos do ensino médio e dos professores da Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Sancha Ferreira. Com os dados coletados, eles foram organizados em tabelas para mapear os resultados e efeitos do ensino remoto na aprendizagem dos estudantes.

Uma forma de conduzir a pesquisa foi por meio de questionários anônimos distribuídos aos estudantes da escola em questão. Também foram realizados diálogos com os pais para que pudessem observar a rotina e compartilhar suas perspectivas sobre a educação remota de seus filhos durante os anos de 2020 e 2021. Todas as informações foram obtidas mantendo o anonimato dos indivíduos e respeitando sua privacidade.

Com as informações coletadas, organizou-se em tabelas para mapear os resultados e efeitos do ensino remoto na aprendizagem dos estudantes. Como não foi possível submeter a pesquisa ao Comitê de Ética da UFT, foram tomadas precauções em conformidade com as diretrizes estabelecidas no regulamento de ética em pesquisa com seres humanos, garantindo a remoção de qualquer identificação nominal e a preservação das informações fornecidas. O mesmo não contém o nome de nenhum estudante que concordou em fornecer respostas para o

formulário. A entrevista com a docente da instituição foi realizada de forma oral, contando apenas com o registro escrito da mesma.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pandemia tornou mais evidentes algumas questões relacionadas à educação, como o ensino a distância (EAD), educação remota e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além disso, destacou como a comunidade escolar está incorporando essas tecnologias em suas metodologias de ensino. É evidente que a escola precisa se adaptar, uma vez que as TIC já fazem parte do cotidiano dos alunos.

Rodrigues (2016) define o termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como um conjunto abrangente de tecnologias que viabilizam a produção, o acesso e a disseminação de informações, além das tecnologias que facilitam a comunicação entre pessoas. Com o avanço da tecnologia, surgiram novas ferramentas que estão em constante expansão globalmente, desempenhando um papel importante na disseminação do conhecimento e na facilitação da comunicação entre pessoas, independentemente da distância geográfica.

Compreendendo o conceito básico das TIC, podemos entender por que elas são essenciais para a educação, especialmente nas aulas remotas. Isso se tornou ainda mais evidente com o fechamento das escolas durante a pandemia.

O uso da TIC na educação escolar possibilita ao professor e ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades pessoais que abrangem desde ações de comunicação, habilidades, busca de informações, até a autonomia individual, ampliando suas possibilidades de inserções na sociedade da informação e do conhecimento (TEZANI, 2011, p.36).

Quando utilizadas de maneira apropriada por professores e alunos, as TIC podem favorecer o crescimento individual desses jovens. A educação precisa acompanhar e evoluir conforme os avanços das TIC, adaptando-se assim às inovações tecnológicas. No entanto, esse progresso deve ocorrer tanto em instituições de ensino públicas quanto privadas e em todas as fases da vida escolar desses estudantes, desde o ensino fundamental até a educação superior.

O QUE FORAM AS ATIVIDADES?

Os desafios enfrentados no exercício da docência durante a pandemia de COVID-19 foram analisados em conjunto com o corpo docente, discente e equipe pedagógica da instituição. Foi avaliado como a comunidade escolar lidou com a situação e se adaptou aos

novos métodos de ensino à distância. Para isso, enfatizamos o papel de professores e alunos tanto no ensino remoto quanto na rotina de atividades extracurriculares. Para viabilizar a análise, realizamos uma entrevista com a docente de geografia da instituição de ensino e coletamos dados por meio de um questionário no Google Formulários, aplicado aos estudantes.

A pergunta principal que guiou a entrevista com a professora se baseia na seguinte questão: como foi dar aulas à distância? Quais técnicas e metodologias foram integradas às aulas para que pudessem ser ministradas à distância? Quais resultados e rendimentos puderam ser identificados no ensino remoto? De acordo com a professora, a experiência de dar aulas à distância causou constrangimentos devido à falta de familiaridade com as ferramentas de mídia. Ela afirmou que não houve tempo para treinamento sobre como lidar com as ferramentas tecnológicas, que já não eram tão comuns no dia a dia das aulas e da escola, e que não recebeu nenhum tipo de suporte técnico ou psicológico no início da pandemia.

No que diz respeito à metodologia para a ministração das aulas, foram empregados textos e o livro didático, além da produção de vídeos de curta duração para explicar o conteúdo e manter contato direto com os alunos por meio de chamadas telefônicas e mensagens no WhatsApp.

As respostas dos alunos ao questionário revelam desinteresse e falta de entendimento em relação às atividades propostas, além de indicar que muitos prefeririam ter aulas presenciais em vez de remotas. A maioria dos estudantes da escola escolheu receber os roteiros das tarefas, pois possui um dispositivo eletrônico, como um computador ou celular. Na maioria das vezes, apenas um membro da família tinha um aparelho, usando-o para realizar tarefas escolares.

Essa situação observada na escola pesquisada reflete o impacto da pandemia em instituições de ensino em outras localidades. Embora o alcance do impacto não seja totalmente conhecido, algumas reportagens, como a da Folha de São Paulo (26/01/2021), evidenciaram a magnitude da tragédia causada pela pandemia nas escolas.

A pandemia, como esperado, está tendo impacto no abandono escolar na educação básica e superior. 4 milhões, com idades entre 6 e 34 anos, deixaram de estudar ano passado. Em outras palavras, 8,4% é a taxa de desistência em 2020, sendo que 17,4% não pretendem voltar este ano. As informações são de uma pesquisa do C6 Bank/Datafolha, cujos dados foram coletados de 30 de novembro a 9 de dezembro. 1670 pessoas das redes pública e privada foram escutadas. (REVISTA ENSINO SUPERIOR, 2021).

A desigualdade no acesso às tecnologias tornou-se mais evidente devido à necessidade de aulas remotas. Por um lado, a escola se deparou com docentes não capacitados para utilizar essas tecnologias; por outro, a desigualdade se tornou mais visível, com alguns alunos tendo condições de estudar à distância e outros sem sequer poder assistir a uma aula remota, seja por

falta de acesso à internet em casa ou por não possuírem um dispositivo para participar das aulas ou realizar as atividades. Segundo este estudo, os motivos mencionados acima desmotivaram os alunos a permanecer na escola ou mesmo a continuar os estudos, ignorando o ensino na modalidade remota e sem se esforçar para promover a aprendizagem à distância.

Duas questões podem ser destacadas em relação à situação: 1º uma parte dos alunos perdeu as refeições que costumava fazer na escola, o que, por si só, já representa uma mudança significativa na rotina de aprendizagem; 2º não houve tempo nem condições adequadas para orientar as atividades de forma apropriada, pois todas precisaram ser ajustadas às circunstâncias e desafios impostos pela pandemia.

Ao analisar as experiências de alunos e professores durante o ensino remoto, destacamos algumas dificuldades enfrentadas pela escola, incluindo a falta de preparo dos docentes para ministrar aulas à distância. Para alguns, a ausência de dispositivos tecnológicos, como computadores, tablets ou celulares com capacidade para suportar o Google Meet, foi outro desafio levantado durante a pandemia de Covid-19.

Professores contratados foram levados a adquirir equipamentos parcelados para assegurar suas aulas e o exercício da docência, além de instalar internet e adaptar-se à rotina doméstica e profissional. Ao conviver simultaneamente nos dois ambientes, a casa do docente transformou-se em extensão da escola, e foi de lá que ele ministrou aulas por meio de celular ou computador. Esses problemas serão abordados nos capítulos seguintes.

ATIVIDADES SÍNCRONO-ASSÍNCRONAS E OS DESAFIOS DA ESCOLA NO PERÍODO DE PANDEMIA

A falta de preparo dos professores para o ensino remoto teve um impacto negativo na prática docente, dificultando a execução de suas atividades e criando uma dependência excessiva da tecnologia para o exercício de sua profissão. A falta de acompanhamento da evolução tecnológica por grande parte dos docentes, ou mesmo a ausência do aparelho em suas residências para uso privado, acabou penalizando-os. Para alguns, isso resultou em um desgaste psicológico significativo.

Os professores foram “jogados vivos no virtual!”, para aprender a fazer em serviço, enfrentando os milhões de alunos – e também professores – excluídos digitalmente. O caminho é longo e há professores que ainda esperam a aula começar entre paredes, porque ainda não conseguiram situar-se na rede, limitados, também, pela questão da conectividade (OLIVEIRA; FERRAZ SILVA; SILVA, 2020, p. 28).

Conforme mencionado na citação anterior, os professores foram “jogados vivos no virtual” sem receber apoio da escola ou incentivo do governo para se aperfeiçoar e aprender a lidar com situações como a pandemia do COVID-19, além de usar equipamentos tecnológicos na criação de novas metodologias de ensino. Conforme a realidade no Brasil, há professores que não têm familiaridade com plataformas de vídeo como o Google Meet, o que os leva a se retrair por medo de se expor diante dos alunos que não possuem habilidades tecnológicas. Como já estavam habituados a trabalhar em casa, corrigindo provas e planejando aulas, com as aulas remotas, sua privacidade foi comprometida, e seu dia a dia e seu ambiente familiar passaram a ser compartilhados com os alunos durante o dia e à noite. Não sobrou o seu sagrado lar, a casa do professor, que também se transformou em espaço de convivência dos estudantes durante as aulas.

Vivem sob pressão social e estão emocionalmente desgastados. São profissionais que temem contrair COVID-19 e perder a vida. A pressão de ter que lidar com as tarefas domésticas, elaborar o planejamento de aulas em ambientes desconhecidos e em constante mudança, corrigir atividades que demandam mais tempo para entender como fazer nas plataformas virtuais do que para corrigir, orientar pais e alunos que não sabem usar as ferramentas, sobrecarrega o docente. É necessário orientar cada aluno quanto ao conteúdo e às ferramentas tecnológicas. Além disso, a maioria desses profissionais ensina mais de uma disciplina, em séries e turmas distintas. Esse é o caso da professora entrevistada, que ministra quatro matérias diferentes para oito turmas.

As atividades à distância foram classificadas em simultâneas, com transmissão ao vivo da aula, e em não simultâneas, com a realização de trabalhos. Devido à falta de recursos tecnológicos, os docentes acabaram escolhendo atividades assíncronas, que, no contexto da escola em questão, foram empregadas na criação dos roteiros.

Os roteiros consistem em um conjunto de atividades das disciplinas que os alunos retiram na escola e têm um prazo de quinze (15) dias para completar e devolver. O contato dos professores com os alunos por meio de WhatsApp e chamadas telefônicas também ocorre nas atividades assíncronas.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A ESCOLA NO PERÍODO DE PANDEMIA

Treze (13) roteiros de geografia de diferentes séries do ensino fundamental foram analisados. Cada roteiro é organizado de acordo com um cronograma de 8 a 12 aulas, seguido pelas habilidades, objetivo da atividade, objetivos de conhecimento/conteúdo, avaliação e, por

fim, os textos que explicam os conteúdos. Por fim, a tarefa de consolidar o conteúdo, que constitui a estrutura de todos os roteiros.

De acordo com a análise feita pela pesquisadora, os roteiros não são adequados para entender os conteúdos. Para uma análise mais precisa, foram coletados treze roteiros de estudo de geografia, sendo do 3º e 4º bimestres; cinco do sexto ano; três do sétimo; três do oitavo e dois do nono ano. Iniciaremos com os alunos do sexto ano e, a partir daí, seguiremos adiante.

Quadro 1: Análise dos roteiros do sexto ano

Sextos (6º) anos	
Roteiro 5º	Foram compostas por seis aulas divididas nas duas primeiras para 1 dos textos, sendo esse composto de dois parágrafos cada, uma atividade oito questões escrita sobre a compreensão dos textos e um caça-palavras.
Roteiro 6º	Foram compostas por oito aulas divididas em: uma para leitura de um texto e as demais para a resolução de uma atividade composta por dez questões sobre o texto.
Roteiro 7º	Foram compostas por nove aulas. As seis primeiras para leitura de um texto e as demais para responder cinco questões escritas sobre o texto.
Roteiro 8º	Foi composto por doze aulas divididas em uma aula para ler o texto, cinco aulas para responder as cinco atividades escritas e seis aulas para ler e resolver atividades com livro didático.
Roteiro 9º	Foi composto por oito aulas divididas nas quatro primeiras para ler dois textos e as outras quatro para responder uma atividade composta por cinco questões.

Fonte: os autores, 2021.

Conforme ilustrado nos quadros acima, os roteiros não são adequados para a compreensão dos conteúdos propostos, uma vez que a maioria dos textos presentes neles continha no máximo quatro parágrafos. Portanto, os alunos recebem conteúdos “mastigados”. Os únicos roteiros mais bem elaborados eram aqueles em que as atividades propostas estavam incluídas no livro didático. No entanto, mesmo nesses casos, os estudantes acabavam se limitando a uma única ferramenta de estudo. Ao final, constatou-se que os bimestres possuíam cerca de dez roteiros, os quais apresentavam uma estrutura bastante semelhante. Isso resulta em

uma baixa absorção do conteúdo pelos alunos, uma vez que frequentemente eles não recebem feedback do professor.

Quadro 2: Balanço dos roteiros dos sétimos anos

Sétimos anos (7º)	
Roteiro 7º	Roteiro Foi composta por nove aulas divididas nas quatro primeiras para leitura de um texto e as restantes para responder cinco questões de múltipla escolha sobre o texto.
Roteiro 8º	Foi composta por doze aulas divididas em duas para leitura do texto, duas para resolução de cinco questões dissertativas, três para atividades com livro didático e cinco para pesquisas propostas pelo roteiro.
Roteiro 9º	Foram compostas por oito aulas divididas em duas aulas para leitura de textos, duas para pesquisas propostas no roteiro e quatro aulas para responder seis questões dissertativas.

Fonte: os autores, 2021.

Quadro 3: Balanço dos roteiros dos oitavos anos

Oitavos anos (8º)	
Roteiro 5º	Foi composta por seis aulas divididas nas quatro primeiras para leitura de um texto e as restantes para responder a atividade sobre o texto.
Roteiro 6º	Foi composta por cinco aulas divididas em duas para leitura do texto, duas para resolução de questões dissertativas e uma para atividades com livro didático.
Roteiro 7º	Foram compostas por sete aulas divididas em três aulas para leitura de textos, uma para pesquisas propostas no roteiro e três aulas para responder a nove questões dissertativas.

Fonte: os autores, 2021.

Quadro 4: Balanço dos roteiros do nono ano

Nono (9º) Ano	
Roteiro 8º	Foram compostas por oito aulas divididas para ler o capítulo proposto no roteiro e resolver oito questões do mesmo.
Roteiro 9º	Foi composta por oito aulas sendo da primeira à sexta para leitura do conteúdo no livro didático e as duas últimas para resolução da atividade proposta no mesmo.

Fonte: os autores, 2021.

Durante esse período, um dos principais obstáculos enfrentados pela escola foi a falta de capacitação dos docentes para lidar com imprevistos. Muitos deles não possuíam acesso ou não tinham habilidade para utilizar adequadamente os dispositivos tecnológicos. Além disso, os professores que criaram os roteiros simplificaram drasticamente os conteúdos, uma vez que um aluno tem quatro aulas para ler e entender um texto de quatro parágrafos, o que não lhe proporciona nenhum aproveitamento desse material. Além disso, muitos desses alunos não tinham uma rotina de estudos e acabaram pegando as respostas das atividades prontas na internet, o que fez com que eles aprendessem ainda menos.

A EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS, OLHARES A PARTIR DA ESCOLA SANCHÁ FERREIRA

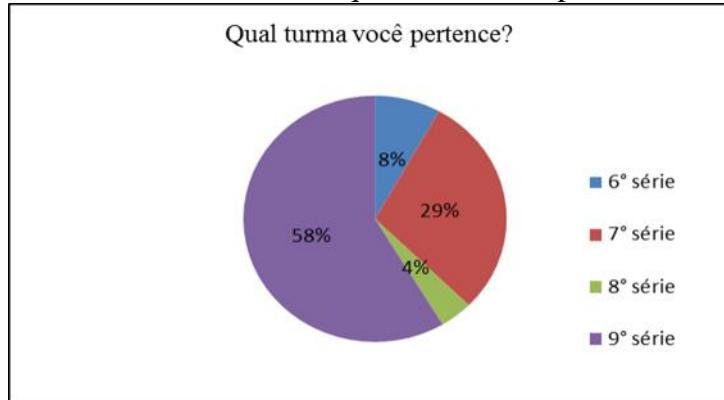
A educação enfrenta diversos desafios que se tornam cotidianos, como a falta de materiais didáticos, a falta de preparo dos professores, entre outros. A pandemia de Covid-19 agravou esses problemas, pois professores e alunos não tinham acesso à internet, não estavam preparados para usar as TIC e enfrentavam o isolamento social.

A educação remota era uma exigência do período, e os desafios se apresentaram: os membros das instituições não tinham acesso aos recursos necessários para esse tipo de ensino. Com base nessa questão, foi elaborado um questionário para os estudantes da escola.

A escola campo conta com duzentos e oitenta (280) alunos nos anos finais do ensino fundamental oferecido, porém apenas vinte e quatro (24) questionários foram retornados. Isso representa um total de 8,21% dos alunos. Compreendemos que se trata de uma porcentagem com um alto grau de confiabilidade para entender a realidade que estamos tentando decifrar. O

questionário continha seis perguntas, das quais cinco eram de múltipla escolha e uma era discursiva. A seguir, apresentamos em formato de gráfico a porcentagem de respostas para cada série.

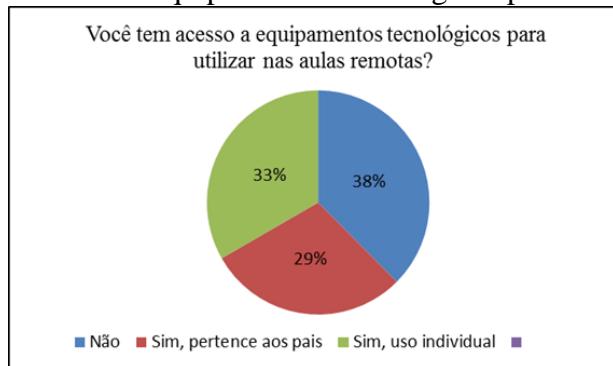
Gráfico 1: qual turma você pertence?



Fonte: os autores, 2021.

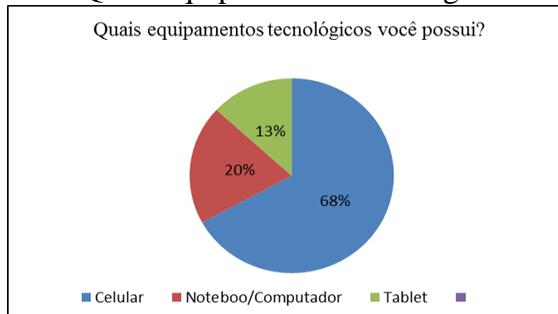
Após analisar a porcentagem de cada turma, nota-se que os estudantes do 9º ano participaram mais do estudo, contribuindo com mais de 50% das respostas. As próximas perguntas eram: quantos desses estudantes têm acesso a dispositivos tecnológicos que podem ser usados nas aulas à distância? E quais seriam esses dispositivos? As respostas coletadas por meio do questionário estão representadas nos dois gráficos a seguir.

Gráfico 2: Você tem acesso a equipamentos tecnológicos para utilizar nas aulas remotas?



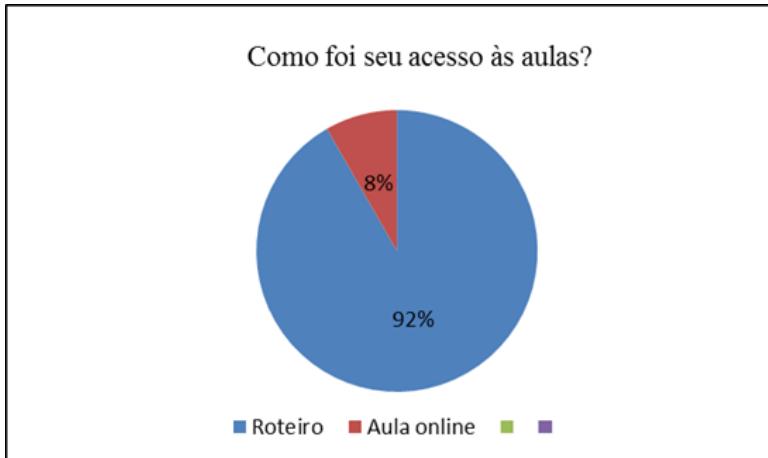
Fonte: os autores, 2021.

Gráfico 3: Quais equipamentos tecnológicos você possui?



Fonte: os autores, 2021.

Gráfico 4: Como foi seu acesso às aulas?



Fonte: os autores, 2021.

Cerca de 91,7% dos alunos escolheram o roteiro, enquanto 8,3% preferiram as aulas online. Isso indica que a maioria dos alunos participantes da pesquisa utilizou exclusivamente os roteiros elaborados pelos professores, que foram entregues na escola ou disponibilizados por meio de mídia. Depois de descobrir qual foi o método de ensino, tornou-se necessário verificar se os alunos contaram com a ajuda dos pais ou responsáveis para responder às perguntas.

Gráfico 5: Você teve ajuda dos seus pais ou responsáveis nas atividades?



Fonte: os autores, 2021.

A maioria dos estudantes não recebeu nenhum tipo de assistência na realização das tarefas de casa, evidenciando a ineficácia dos roteiros e demonstrando que o sistema de educação pública não está apto para lidar com situações imprevistas, como ocorreu durante a pandemia de COVID-19.

O foco principal foi entender como esses estudantes estavam lidando com o ensino remoto. A pergunta central do questionário buscou o ponto de vista deles sobre o desempenho escolar dos alunos, além de suas opiniões.

Quadro 5: síntese das respostas à pergunta do questionário: Você acredita que teve um bom desempenho nas aulas? Justifique sua resposta.

Resposta
Não. Porque não tinha a explicação do professor direito daí só pegava a resposta do Google e não aprendia nada.
Não. Pois a explicação fica muito ruim sem a aula.
Não, as aulas são chatas e difícil de estender.
Não, por que é muito difícil sem o professor para explicar.
Não, pois são vários problemas é uma internet que não é muito boa é o pai que não sabe ler é o tempo que curto pra quem trabalha nada substitui as aulas presenciais.
Sim de alguma forma, por, mas que não tenha absorvido todo o conteúdo necessário, o ano letivo de 2020/2021 teve um rendimento.
Não, aulas online são horríveis, não dá pra aprender nada e esses professores deveriam criar vergonha na cara que em vez de pensar só neles querendo fazer greve para não voltar às aulas e lembrar que um dia eles terão filhos e saberão o quanto é horrível um filho não aprender.
Sim, pois eu acho que aprendi mais.
Não, pois não consegui fixar o conteúdo.
Não, porque não é a mesma coisa, tem que voltar a ser presencial isso sim.
Sim, por mais que os conteúdos não sejam tão explanados, deu pra aprender o necessário.
Não, as aulas foram muito maçantes e o acesso à internet era muito ruim.
Um rendimento mais ou menos porque tem as matérias mais difíceis e outras mais fáceis e sem o professor fica mais difícil.
Acho que não; porque dentro da sala de aula o aluno tem mais rendimento, pois o aluno tira todas as dúvidas com o professor dando a explicação.
Acho que não porque eu não sei muito bem fazer as coisas sem ter alguém pra me ensina.

Fonte: os autores, 2021.

Um dos principais pontos debatidos é a perspectiva dos alunos em relação ao desempenho nas aulas. A maioria dos estudantes, no entanto, afirma que não teve um bom rendimento ou até mesmo que não aprendeu nada. Há queixas de que as aulas se tornavam entediantes apenas com os roteiros e que o conteúdo da disciplina era de difícil entendimento. Houve um estudante que declarou que apenas buscavam as respostas das tarefas no Google. Outra queixa é a falta de recursos, como uma conexão de internet de boa qualidade ou até mesmo assistência de outra pessoa para ajudar na resolução dos exercícios.

No entanto, além dos aspectos negativos, existem alunos que apreciaram o formato de aulas remotas por várias razões. Alguns o fizeram por estarem conscientes da necessidade de evitar aglomerações nas salas de aula, outros para não perder o ano letivo de 2020/2021, ou simplesmente por não quererem ir à escola. Porém, o que deve ser considerado é a dúvida se

esses alunos foram capazes de aprender ou assimilar, ao menos em parte, o conteúdo transmitido por meio dos roteiros.

Com o retorno das aulas, surgiu a necessidade de entender como os alunos estão se readaptando. Para isso, foram realizadas entrevistas com alguns estudantes, questionando-os sobre como está sendo o retorno e como se sentem com a volta das aulas presenciais. É importante destacar que, nesta segunda entrevista, não participaram alunos da nona série que responderam ao primeiro questionário, pois houve um intervalo de mais de dezoito meses entre as duas. Como resposta às questões levantadas, é possível notar, como era de se esperar, que alguns alunos retornaram com consideráveis dificuldades nas disciplinas. Estar na aula presencial traz uma felicidade, especialmente pelo término do uso dos roteiros.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste estudo foi realizado para examinar como as instituições de ensino estavam se comportando e enfrentando a pandemia. Esta pesquisa teve um caráter exploratório, com o objetivo de oferecer uma compreensão mais aprofundada dos problemas que ocorreram durante a pandemia, sejam eles explícitos ou não. O estudo incluiu três momentos de coleta de dados: um presencial, que consistiu em uma entrevista com a professora da unidade escolar, e dois online, direcionados aos alunos da escola.

Um dos principais achados do estudo foi constatar que as escolas públicas e periféricas não estão preparadas para situações como a pandemia de COVID-19. Apesar de desejarem implementar um novo método de ensino, elas não conseguem sustentá-lo, seja pela falta de recursos para professores e alunos, seja pela falta de qualificação dos profissionais de educação. Além disso, o fechamento das escolas foi uma solução ineficaz para tentar resolver o problema do desfalque. Os alunos acabaram recebendo roteiros, que não eram eficazes para o ensino, e isso os desmotivou ainda mais a aprender o conteúdo.

Um dos desafios a serem enfrentados no período pós-pandemia está sendo encontrar uma maneira de remediar o déficit educacional causado tanto pelo baixo nível de aprendizagem quanto pela evasão escolar. Uma forma de tentar recuperar esses alunos que desistiram é por meio de campanhas de conscientização, além de as escolas desenvolverem metodologias para melhorar a aprendizagem, como reforços ou outros tipos de projetos de intervenção pedagógica.

REFERÊNCIAS

BELLANI, M. L. **O que é mídia-educação.** 3^a ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

BRASIL, Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. (2017, 25 maio). **Regulamenta o art. 80 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União, Brasília. 2017.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, M. M.; OLIVEIRA, M. R.; SILVA, W. L.. O ensino da geografia do Tocantins como prática de extensão nas escolas públicas da região do Bico do Papagaio, Tocantins, Brasil. **Nexus - Revista de Extensão do IFAM**, v. 11, p. 23-32, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4^a ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

MORAES, Raquel Almeida; PEREIRA, Eva Waisros. A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior. In: **Anais... SEMINÁRIO DO HISTEDBR. EIXO 2. HISTÓRIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO.** 2009. Disponível em:

https://histedbrnovo.fe.unicamp.br/pfhistedbr/seminario/seminario8/_files/mBv36y8F.doc. Acesso em abril, 2020.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; FERRAZ SILVA, Obdália Santana; SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas**, Aracaju. V.10, N.1, p. 41 – 57. Número Temático - 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.set.edu.br/educacao> Acesso em: 15 set. 2020

REVISTA ENSINO SUPERIOR. Abandono escolar afeta 4 milhões de brasileiros na pandemia. São Paulo, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/pandemia-abandono-escolar-fo/#:~:text=A%20pandemia%20como%20esperado%20est%C3%A1,n%C3%A3o%20pretendem%20voltar%20este%20ano>. Acesso em: 20 abr. 2021

RODRIGUES, R. B. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Recife: IFPE, 2016.

TEZANI, T. C. R. A educação escolar no contexto das tecnologias da informação e da comunicação: desafios e possibilidades para a prática pedagógica curricular. **Revistafaac.** [online], Bauru, p. 35-45. vol. 1, n. 1, set. 2011. Disponível em . Acesso em: 10 de março de 2022.